



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

SUZI ANDRÉ FERREIRA

**AS BRUXAS DA MODERNIDADE: OS DISCURSOS PRESENTES EM *MALLEUS
MALEFICARUM* E SUAS INFLUÊNCIAS NA LUTA FEMINISTA.**

**ABAETETUBA-PA
DEZEMBRO/2019**

SUZI ANDRÉ FERREIRA

AS BRUXAS DA MODERNIDADE: OS DISCURSOS PRESENTES EM *MALLEUS MALEFICARUM* E SUAS INFLUÊNCIAS NA LUTA FEMINISTA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, vinculada à Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa.
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira.

ABAETETUBA-PA
DEZEMBRO/2019

AS BRUXAS DA MODERNIDADE: OS DISCURSOS PRESENTES EM *MALLEUS MALEFICARUM* E SUAS INFLUÊNCIAS NA LUTA FEMINISTA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, vinculada à Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa.
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira.

Data de Defesa: 18/12/2019

Resultado: 18/12/2019 – Excelente

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rosângela do Socorro Nogueira
Orientadora – UFPA

José Eduardo Pastana Silva
Examinador 1

Suelem Cristina Silva Bezerra
Examinador 2

AS BRUXAS DA MODERNIDADE: OS DISCURSOS PRESENTES EM *MALLEUS MALEFICARUM* E SUAS INFLUÊNCIAS NA LUTA FEMINISTA.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema central a permanência dos discursos veiculados no livro *Malleus Maleficarum*, e suas influências em discursos modernos. Nessa preceptiva, o presente estudo tem como principal objetivo investigar como as características associadas às mulheres na Idade Média ecoam em discursos da sociedade contemporânea. Assim, buscou-se analisar como discursos reproduzidos entre os séculos V ao XV, socialmente difundidos e perpetuados no imaginário popular, tornaram-se, atualmente, parte da ideologia aceita por uma determinada classe. Para tanto, realizou-se uma análise teórico-metodológica de cunho qualitativo, ancorada na revisão bibliográfica. Os dados foram coletados do livro *Malleus Maleficarum*, bem como 25 tuítes que apresentam conteúdos com discursos que estão relacionados aos trechos do livro medieval, selecionados da rede social *Twitter*. Diante de tais análises, fora possível suscitar reflexões acerca dos processos que levam a reconhecer as bruxas da modernidade, configuradas em mulheres que lutam contra os estereótipos e paradigmas societários que insistem em subjazer a figura feminina na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Discursos. Mulheres. Sociedade. Feminismo

ABSTRACT

This research presents as its central theme the permanence of the discourses conveyed in the book *Malleus Maleficarum* and its influences on modern discourses. In this perspective, the present study aims to investigate how the characteristics associated with women in the Middle Ages echo in the discourses of contemporary society. Thus, we sought to analyze how discourses reproduced between the V and XV centuries spread in society, perpetuating themselves in the popular imagination and, today, becoming part of the ideology accepted by a particular class. To conduct this research, a qualitative theoretical-methodological analysis was conducted, anchored in the literature review, collecting data that were selected excerpts from the book *Malleus Maleficarum*, as well as selected from the social network *twitter* 50 tweets that present content with discourses that are related to excerpts from the medieval book. Given these analyzes, it was possible to raise reflections about the processes that lead to the recognition of the witches of modernity that are configured in women who fight against the stereotypes and societal paradigms that insist on undermining the female figure in contemporary society.

Keyword: Discourses. Women. Society. Feminism

INTRODUÇÃO

Na Idade Média, os padrões que o patriarcado¹ apresentava estavam diretamente ligados ao que a sociedade determinava como bom e aceitável, não muito diferente do que vemos hoje. Durante o período em que fora instituída a Santa Inquisição, mais de 100.000 mulheres foram levadas à fogueira por não seguirem os dogmas impostos. Foram rotuladas de bruxas ou feiticeiras aquelas que se comportavam diferente do que a Igreja Católica estabeleceu como certo.

Desse modo, a Igreja julgava segundo as “leis de Deus” pois, para os líderes religiosos da época, esse era o ideal de sociedade. Como afirma Irvin (2004, p. 506), “qualquer pessoa ou grupo que levasse uma vida religiosa fora da estrutura eclesiástica estabelecida era por definição um herege e sujeito à disciplina punitiva das autoridades seculares à qual a Igreja recorria” (2004, p. 506), o que fez com que a luta por mais direitos se transformasse em uma luta pela sobrevivência.

Atualmente, as mulheres estão entre os principais sujeitos na luta por mais direitos e por mais espaço na sociedade. Em contrapartida, continuam sendo discriminadas e criticadas por quererem ocupar espaços que são predominantemente masculinos. Diariamente, o patriarcado as oprime e as julga como insuficientes, fazendo com que elas estejam em uma busca incessante para acompanhar os padrões socialmente impostos, os quais sempre estiveram presentes em suas vidas e que buscaram limitá-las por séculos.

A história da luta das mulheres por poder escolher a forma que desejavam viver surgiu a partir de diversos questionamentos, tais como “por que as mulheres são vistas como inferiores?”, “por que sempre buscam limitá-las?”, “por que, durante toda história, há formas de supressão à luta feminina?”, “por que sempre há alguma maneira de punir aquilo que não é aceito?”. Isso deixa claro que a condição feminina não é algo pré-determinado, mas sim uma construção social que poderia ser modificada ou desfeita, caso houvessem mulheres determinadas a fazer isso. Como afirma a militante pelos direitos das mulheres, Simone de Beauvoir, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, 1960, p. 9).

¹Trata-se do conceito capaz de ‘capturar a profundidade, penetração ampla e interconectividade dos diferentes aspectos da subordinação das mulheres. (WALBY, 1990, p.2).

Isso em vista, o presente trabalho aborda a relação existente entre discursos contemporâneos e o modo como a mulher era vista na Idade Média. Utilizamos as afirmações de Heinrich Kramer e James Sprenger, apresentadas na obra *Malleus Maleficarum*, escrita em 1846. A pesquisa objetivou identificar como perpetuam-se discursos que relacionam mulheres contemporâneas que almejam as independências física e social, através das quais foram consideradas bruxas na Idade Média, visando compreender como tais pensamentos se propagavam, bem como identificar quais as interferências diretas na vida das mulheres em outros períodos da história, notadamente no contextual atual. E assim, por meio dos resultados obtidos, contribuir para a desmistificação da visão negativa presente no imaginário popular em relação às mulheres que não sucumbem às regras que lhes são impostas.

O interesse por essa temática surgiu diante do questionamento sobre como eram vistas as mulheres consideradas bruxas pela Santa Inquisição, com o intuito de reconhecer quem eram os sujeitos sobre os quais a Igreja e a sociedade colocavam tais rótulos, e quais discursos propagados na Idade Média causaram o genocídio de milhares mulheres, visando averiguar se tais discursos ainda são encontrados na atualidade, e se são, sobre quais sujeitos eles se configuram.

Para podermos entender como esses discursos propagam-se por gerações, tomamos como base teórica a Análise de Discurso Crítica (ADC), por meio da qual fora possível apreender conceitos e noções acerca do discurso e da ideologia, o que nos possibilitou compreender como esses conceitos estão diretamente ligados às práticas sociais.

Assim sendo, o trabalho encontra-se estruturado em três seções que corporificam a pesquisa. Na primeira seção, intitulada “Análise de Discurso Crítica: concepções e conceitos”, abordamos como as mulheres que eram consideradas bruxas foram tratadas na Idade Média, bem como são descritos os conceitos da ADC e ideologia dentro desse contexto. Na segunda seção, nos pautamos em analisar a obra *Malleus Maleficarum*, visando compreender como mulheres que buscavam autonomia de seus corpos eram tratadas pela Santa Inquisição. Na terceira, realizou-se a análise de tuítes também sob a perspectiva da *Malleus Maleficarum*, para reconhecermos como alguns conceitos se fazem presentes na contemporaneidade.

SEÇÃO 1

Análise de Discurso Crítica: concepções e conceitos

A ADC é um método que investiga textos, sejam eles orais, escritos, imagéticos ou multimodais, pois acredita-se que eles podem, segundo Ramalho *et al* (2011, p. 13), “tanto reafirmar relações de dominação, quanto contestá-las em uma sociedade”. É importante ressaltar que a ADC se constitui não apenas de uma abordagem, mas de diversas, como também afirmam as autoras, “não se trata de um campo homogêneo, ao contrário, se constitui de um conjunto de abordagens diversas que, no entanto mantêm continuidades” (RAMALHO *et al*, 2011, p. 11). Pois, é necessário que haja o que as autoras chamam de “elementos norteadores”, para que as diferentes abordagens sejam agregadas, o que faz com que esta abordagem ainda seja um campo que se define como instável e aberto.

Desse modo, para entender a ADC é imprescindível conhecer alguns conceitos que a constituem. O primeiro é o de Discurso, o qual, segundo Ramalho e Resende (2011) “é o momento integrante e irreduzível das práticas sociais, que envolve a semiose/linguagem em articulação com os demais momentos das práticas: fenômeno mental, relações sociais e mundo material”.

As autoras também citam Fairclough e seu conceito de Discurso. Para o autor, discurso possui dois significados, que são capazes de abranger tanto o lado social quanto o lado individual. Ramalho e Resende (apud Fairclough 2003 a, p. 26) diz que, “sobre o termo “discurso” recaem dois significados. Como substantivo mais abstrato, significa “linguagem como momento irreduzível da vida social”. Por outro lado, como substantivo mais concreto, discurso significa um “modo particular” de representar parte do mundo”. Portanto, discursos são as formas particulares e/ou coletivas de posicionamentos dos sujeitos de uma sociedade.

A teoria de Fairclough (2001) tem como objetivo trazer uma análise do discurso que observe e investigue a linguagem como um método de estudo das mudanças sociais e culturais. O autor faz uma análise envolvendo outras áreas de estudo para tentar preencher as lacunas e responder as dúvidas sobre a relação entre texto e mudança social. Ele cita que um grupo de linguistas na Grã-Bretanha e Michel Pêcheux buscaram essas respostas, porém, as duas tentativas apresentaram um desequilíbrio entre os elementos sociais e linguísticos da síntese, e por isso não são vistas como adequadas para analisar as mudanças sociais através da linguagem, segundo o autor.

Fairclough, em sua obra de 2003, afirma que os textos são detentores de capacidades de mudança social. Contudo, assevera que ainda há muito a ser observado, pois apesar de haver essa capacidade, são necessárias pesquisas que definam de que forma a linguagem interfere na mudança social. Ele afirma que:

Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos – isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante. Eles causam também efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que a experiência prolongada com a publicidade e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como consumidores, ou suas identidades de gênero. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação, ou para transformações nas relações industriais, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8).

Desse modo, esses textos possuem o que Fairclough define como efeitos sociais, pois apresentam a função de modificar posicionamentos, crenças e ideologias, o que é perceptível quando observamos os textos que circulam em meio a sociedade e os posicionamentos dos sujeitos sociais que possuem uma proximidade, uma certa conformidade entre os dois.

Assim sendo, é por meio de textos, sejam eles escritos, orais, imagéticos ou multimodais, que os ideais são expostos e que, mesmo não sendo colocados de forma direta, ainda assim, são detentores de significado, sendo possível identificar quais as intenções de quem os produziu. Isto é, um texto sempre terá um objetivo, os sujeitos falantes apropriam-se das funções sociais dos textos para impor seus posicionamentos e, por meio deles, fazer com que relações de dominação permaneçam ou terminem.

Nesse sentido, a ADC tem como principal característica a preocupação com o social, pois seu grande objetivo é usar a linguagem para intervir no campo social, preocupando-se em auxiliar na resolução de problemáticas relacionadas ao poder. Ramalho e Resende (2011 apud Fairclough 2003, p. 26) explica que “O C de ADC, justifica-se por seu engajamento na tradição da “ciência social crítica”, que visa oferecer suporte científico para a crítica situada de problemas sociais relacionados ao poder como controle”. Por essa criticidade, a ADC torna-se uma ciência interdisciplinar que traz consigo a possibilidade de inserção em qualquer área em que a linguagem possa ser analisada como prática social, e o suporte para pesquisas sociais. Ramalho e Resende (2011) afirmam que,

[...] essa característica interdisciplinar explica-se pelo “rompimento de fronteiras epistemológicas” com teorias sociais, pelo qual objetiva subsidiar sua própria abordagem sócio discursiva assim como oferecer suporte para que pesquisas sociais possam contemplar, também, aspectos discursivos.

Discursos que se propagam em meio à sociedade, predefinidos em acordos inconscientes pelos membros de uma comunidade, por meio de uma ideologia aceita por eles, demonstram, de forma clara, como aquela sociedade vê e pensa historicamente o sujeito, pois

de acordo com Ramalho *et al* (2011, p 15), “nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem”, assim, por meio da linguagem, são demonstrados posicionamentos na construção da identidade dos sujeitos.

Ideologia

Muitos discursos presentes na Inquisição ainda são propagados até hoje, pois perpetuaram-se no imaginário popular por meio da ideologia da Igreja Medieval. Apesar de ter recebido diversos conceitos anteriores, a ADC coaduna-se com o conceito de ideologia proposto por Thompson (2000), para quem a ideologia apresenta-se de forma negativa, pois é capaz de fazer com que um grupo social permaneça por mais tempo com supremacia, isto é, utiliza discursos particulares, fazendo com que sejam vistos como a única verdade possível e em seguida popularizando esses discursos. Para o autor:

A ideologia expressa os interesses da classe dominante no sentido que as ideias que compõem a ideologia são as ideias que, num período histórico particular, articulam as ambições, os interesses e as decisões otimistas dos grupos sociais dominantes, à medida que eles lutam para garantir e manter sua posição de dominação (THOMPSON, 1999, p. 54).

Assim, para o autor, o conceito de ideologia resume-se em o *sentido a serviço da dominação*, isto é, a ideologia é usada como uma forma de permanência e disseminação de um determinado discurso, a fim de perpetuar a dominação de grupos particulares de agentes que possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito (THOMPSON, 2000, p. 80). Desse modo, a ideologia de um determinado momento da história perpassa o tempo, pois, para esses grupos, é necessário que isso aconteça, para que eles continuem como dominantes.

A mulher na história

No decorrer da história, as mulheres foram caracterizadas de acordo com suas atitudes e formas de pensar, o que ainda é comum na sociedade contemporânea. A supressão da liberdade, sendo ela econômica, social, emocional e, principalmente, sexual, foi (e é) colocada como uma forma de limitar o que se denomina feminino. A sociedade e a Igreja, que por

muito tempo tiveram controle sobre a vida das mulheres, determinavam como elas deveriam comportar-se, e todas aquelas que afastavam-se desse padrão eram punidas de alguma forma, pois o feminino sempre foi colocado como inferior, qualquer forma de emancipação vinda das mulheres era vista como perigosa. Nesse sentido, Bassos (2005) afirma que, “toda expressão de poder por parte das mulheres, desemboca em punição”. Essa punição não necessariamente é uma punição física.

A Idade Média, que vai do século V ao século XV, é considerada uma das piores épocas, pois com o crescimento do cristianismo, e assim o aumento do poder da Igreja Católica, o Teocentrismo se estabelece. Consequentemente, o enfraquecimento da cultura laica se inicia, ou seja, todo conhecimento não reconhecido por essa instituição era denominado como contrário à vontade de Deus, portanto não era aceito. Assim, esse período foi muito difícil para as mulheres, pois o livre pensamento, o desejo de liberdade sobre o corpo, sobre as próprias decisões, foram demonizados pela Igreja e pela sociedade da época, já que iam de encontro a tudo que era imposto, pois o feminino foi estigmatizado e, assim, foi construindo-se no imaginário popular a visão deturpada da figura da mulher. A insubordinação de muitas mulheres causou insatisfação, desenvolvendo o que podemos chamar de uma “reação” da sociedade e dos líderes religiosos da época.

A Inquisição, que ocorreu no início do século XIII, foi um meio que a Igreja encontrou de, junto à sociedade, atribuir punições àquelas pessoas que eram consideradas insubordinadas. Esse momento foi um marco na vida das mulheres, pois foi a partir de então que a luta pelo livre pensamento foi perseguida de forma desmedida. É importante ressaltar que a Inquisição levou à fogueira não somente mulheres, mas também homens, porém a grande maioria de acusações era contra sujeitos do sexo feminino. E quando se fala de “sexo” feminino, levou-se em consideração apenas aquelas mulheres que biologicamente eram definidas assim.

Desse modo, a luta por sobrevivência surgiu da necessidade de se olhar como sujeitos de uma mesma categoria e de questionar a existência deles na sociedade. Para isso, foi necessário olhar no coletivo, como sujeitos de uma mesma classe, àquela que era vista como inferior, sendo, portanto, necessário mostrar que o biológico não determinava a supremacia do masculino e que essa supremacia nem existia de fato, e com isso precisava-se superar o conceito de sexo como determinante nas relações de poder e olhar através do gênero. Scott (1990) afirma que o conceito de gênero nos permite enxergar e questionar como a diferença sexual pode interferir nas relações dentro da sociedade e fazer com que afirmações que dizem que o biológico determina com quem está a supremacia sejam desmentidas. Nesse sentido, o autor afirma que:

O gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (SCOOT, 1998)

A partir dessa organização, liga-se sexo ao biológico e gênero a construção social, tonando possível compreender como essa categoria de análise pode auxiliar na luta por direitos das mulheres, uma vez que “o gênero é uma estratégia pela qual as feministas começaram a encontrar uma voz teórica própria, além de aliados científicos e políticos” (SCOOT, 1998). Assim sendo, a partir do momento em que se entende que as características que são culturalmente associadas ao feminino não são determinadas biologicamente, busca-se compreender como essas definições estão ligadas diretamente ao dia a dia das mulheres e como podem ser desconstruídas.

Ao observar que a estigmatização que a sociedade impunha sobre o feminino não era algo pré-determinado e sim o conjunto de uma construção social, o conceito de sexo como o que definia a ideia de superioridade do masculino foi sendo deixado de lado, dando lugar ao conceito de gênero. No século XX, surge um símbolo do movimento político e feminista, Simone de Beauvoir, com afirmações que fariam com que a discussão de gênero continuasse. A autora, em uma de suas mais conhecidas afirmações, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1960, p. 9), mostra que a discussão de gênero era muito válida e que, de fato, o conceito de mulher foi construído socialmente e não biologicamente.

Mesmo com diversas tentativas, o posicionamento das mulheres na luta por mais direitos, pela sobrevivência e por seu espaço não foi e não é bem recebido pela sociedade. O discurso que se popularizou na Idade Média permanece, mesmo que de maneira mais velada (ou não), até os dias atuais, e resquícios desses discursos são aclamados e aceitos como verdades por grande parte da sociedade.

SEÇÃO 2

Para identificar quais discursos prevaleciam na Idade Média, mais precisamente durante a Inquisição, *analisaremos* o livro que foi considerado o manual dos inquisidores na Santa Inquisição.

Malleus Maleficarum: da Inquisição à atualidade

O livro *Malleus Maleficarum*, ou Martelo das feiticeiras, foi escrito em 1846 por dois inquisidores dominicanos chamados Heinrich Kramer e James Sprenger, que também eram monges e professores de teologia. Para que o livro fosse publicado, era necessário que houvesse a autorização do Papa, na época o Papa Inocêncio VIII. Autorização essa que os autores fizeram questão de expor no início de sua obra. No trecho da bula papal, a liberação está da seguinte maneira:

Não obstante Nossos queridos filhos Heinrich Kramer e James Sprenger (...) tenham sido por cartas apostólicas delegados como inquisidores de tais depravações heréticas, (...) não se vejam privados dos benefícios do Santo Ofício para esse fim firmado (...) decretamos e estabelecemos que os mencionados inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas. (KRAMER e SPRENGER, 1995, p.44-45)

Depois da autorização, o livro tornou-se o manual usado por inquisidores para identificar e punir os hereges. O livro tem como principais referências a bíblia sagrada e autores, como Sócrates e São Tomás de Aquino. Ele divide-se em três partes: a primeira tem o intuito de convencer o leitor de que realmente existe a bruxaria e quem são as pessoas que podem exercê-la, afirmando são hereges aqueles que não acreditam nas bruxas. Mostra, também, o que é necessário para a bruxaria, a saber: o Diabo, A Bruxa e a permissão de Deus. Essa parte é organizada em perguntas e respostas que visam didatizar o assunto tratado e sanar as possíveis dúvidas do leitor. Busca convencer, também, que o corpo da mulher é mais propenso a receber demônios desde sua criação, pois, segundo eles:

Houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona e mente. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.116)

A segunda parte do livro demonstra métodos para amaldiçoar a bruxaria. Descreve detalhadamente as bruxarias que poderiam ser realizadas, de que forma atingiam as pessoas e como elas poderiam livrar-se de tais feitiços, incluindo receitas de remédios, exorcismos, curas para a virilidade do homem, pois as bruxas também eram acusadas de causar impotência sexual, remédios contra possessão de corpos, entre outros. A estigmatização do feminino era tão forte que as bruxas não eram vistas como seres poderosos, mas sim, como mulheres usadas pelo demônio. Dessa forma, diziam que:

Demônios são capazes de causar malefícios sem a cooperação de qualquer bruxa. É o que defende Santo Agostinho. Todas as coisas que acontecem no plano do visível podem ser (acredita-se) obra dos poderes inferiores do ar. Mas os males e as enfermidades do corpo não são, decerto, invisíveis: são evidentes aos sentidos e, logo, podem ser causados por Demônios. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.375)

Mesmo vistas como capazes de realizar grandes feitos, o patriarcado não permitia que a Igreja reconhecesse as bruxas como mulheres poderosas pois, segundo a instituição, as mulheres só eram usadas pelos demônios, tanto que um dos discursos dizia que “o Demônio se utiliza das bruxas não porque precisa de semelhantes agentes, mas porque visa sua perdição” (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 375).

A terceira parte da obra descreve, por meio de medidas judiciais, na punição das bruxas, as suas sentenças, e maneiras como o julgamento deve acontecer. Apresenta, então, trinta e cinco tópicos que têm como objetivo esclarecer todas as formas de punição.

As afirmações de quem e como deveria ser julgado constituem a terceira parte desse livro, como podemos observar no trecho em que diz: “Mas pode-se dizer que todas as bruxas devem negar a fé e, portanto, devem ser julgadas como hereges. Ao contrário, mesmo que negassem a fé em seus corações, não poderiam ser consideradas hereges.

Resumidamente, em sua divisão, o livro tem o intuito de: convencer os leitores a acreditarem em bruxaria, na primeira parte; fazer os leitores identificarem e se protegerem das bruxarias, na segunda; e, na terceira parte, demonstrar as punições possíveis.

As características dessas mulheres denominadas de bruxas abarcavam desde a consideração de serem mulheres selvagens, insubordinadas e ligada ao maligno, até mulheres que tinham conhecimentos de ervas, que conheciam seus corpos e praticavam tradições pagãs, algo que fazia com que fossem vistas como ameaças à Igreja.

Basso (2005), no texto “Bruxas, figuras de poder”, mostra um pouco sobre o discurso que prevalecia sobre a mulher na Idade Média. A autora afirma que o manual de inquisidores do século XIV, chamado de *Malleus Maleficarum*, o martelo das feiticeiras, mostra uma figura demonizada das bruxas, faz ligação entre as mulheres que tinham conhecimentos específicos à bruxaria ou ao maligno. Ademais, o livro caracterizava os atos das mulheres como mais malignos do que os de quaisquer malfeitores, o que evidencia como os homens acreditavam serem superiores a tudo o que era feminino, algo comum nos dias correntes. Muitos termos como mulher bruxa, feiticeira, demoníaca, que se popularizaram na Idade Média, permanecem até hoje, tornaram-se parte do senso comum (forma espontânea de se

propagar determinado conceito, sendo ele verdadeiro ou não). Nessa esteira, Fonseca (2002) diz que:

A nossa vida desenvolve-se em torno do senso comum. Adquirido através de ações não planejadas, ele surge instintivo, espontâneo, subjetivo, acrítico, permeado pelas opiniões, emoções e valores de quem o produz. Assim, o senso comum varia de acordo com o conhecimento relativo da maioria dos sujeitos num determinado momento histórico. (...) Portanto, o senso comum é uma forma específica de conhecimento. A cultura popular é baseada no senso comum. (FONSECA, 2002, p. 10).

Como a maioria da população daquela época era desprovida de conhecimento, era comum que a sociedade não questionasse os castigos que eram imputados às bruxas. Bassos (2005) afirmou que “todas as histórias de bruxas terminam com o castigo por sua insubmissão: forca, fogueira ou solidão”. A autora também mostra que mesmo quando relacionam as bruxas à algum poder superior, ainda assim ela é colocada como inferior. Reafirma-se o patriarcado dentro das relações de poder, porque a mulher sempre é associada a um ser masculino superior, o diabo. Ainda que a Igreja afirmasse que a mulher bruxa era poderosa, ela nunca poderia ser vista a não ser como uma “funcionária” de um ser masculino muito maior que ela, ou seja, uma mulher era incapaz de ser poderosa. No entanto, mesmo que de forma implícita, isso confirmava o contrário, ao descrever o que elas eram capazes de fazer.

Desse modo, ao fazer o paralelo entre a sociedade da Idade Média e a sociedade contemporânea, podemos observar que muitas coisas ainda permanecem. Uma delas é a questão do direito ao próprio corpo, notadamente a questão do aborto, tema ainda muito presente na vida das mulheres. Na Inquisição, o aborto era considerado bruxaria, uma vez que era relacionado à ligação direta entre bruxas e demônios. A liberdade sobre o próprio corpo era totalmente demonizada, algo que ainda podemos observar na contemporaneidade. As mulheres são extremamente julgadas quando falam sobre a legalização do aborto, evidenciando que os dogmas da Igreja ainda sobrepõem-se à liberdade das mulheres, e assim, uma vez mais, tenta limitá-las.

Bassos (2005) salienta o fato de que no livro *Malleus Maleficarum* são caracterizadas as relações sexuais entre as bruxas e os demônios. Para os autores do manual de inquisidores, as relações não eram necessariamente carnais, pois eram entre espíritos e seres humanos. Contudo, essas relações aconteciam em rituais denominados de missas negras ou sabás, onde

os demônios possuíam os corpos femininos, tornando-se seus donos e fazendo com que trabalhassem para eles, por meio das bruxarias. De acordo com Zordan (2005):

[...] Rituais de sexo e luxúria, os sabás eram tidos como odes a Satã, festas macabras nas quais se comia carne de recém-nascidos, entrava-se em transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o diabo. Foram descritos como missas negras, nas quais os adeptos renegavam a fé cristã por meio do que a Inquisição supunha ser um arremedo das práticas católicas... (ZORDAN, 2005, p. 334).

Nesse contexto, as mulheres que eram levadas à fogueira, ainda que não tivessem nenhuma ligação, eram torturadas até que confessassem ter envolvimento com bruxaria, para que pudessem ser mortas em praça pública. Jean Delumeau, no livro *História do medo no Ocidente*, afirma que “com a tortura pode-se fazer confessar tudo”. Aquelas que não chegavam a confessar eram deixadas nuas, para que em seu corpo encontrassem algum sinal que ligassem-nas à bruxaria.

Conforme Barros (1996), “Pouco importava a verdade do prisioneiro. A verdade era, apenas, a de seus algozes. Com requintes de crueldade, religiosos e oficiais do Estado quase sempre obtinham a confissão desejada”. Após assassinares as mulheres, os inquisidores também matavam suas filhas, independentemente da idade que tinham. Isso porque era necessário que acabassem com a bruxaria, já que acreditava-se que as crianças eram entregues aos demônios quando pequenas e que tinham aprendido bruxaria com suas mães, como é explicitado no seguinte trecho: “por fim, sabemos dos casos das filhas das bruxas que sempre são suspeitas de práticas semelhantes, como imitadoras dos crimes de suas mães; de fato, toda a prole de uma bruxa já é contaminada” (KRAMER, SPRENGER, 1995).

A inquisição, as perseguições, o genocídio de mulheres foram um marco na história da luta feminina, e até em nossos dias podemos observar discursos de ódio que se propagam e são legitimados por meio de discursos religiosos e políticos desse período.

Modos de operação da ideologia

Na Idade Média, durante a Inquisição, algo que era característico das mulheres denominadas de bruxas era a sexualidade, esse era o ponto que mais as demonizava, já que eram descritas como sexualmente insaciáveis e relacionavam-se com diversos parceiros, pois acreditavam na liberdade de seus corpos. Isso era inadmissível para a Igreja, como podemos ver a seguir:

[...] Toda bruxaria vem da luxúria carnal, na qual as mulheres são insaciáveis. Uma coisa nunca satisfeita: a boca do útero [...] O que é a mulher além de um inimigo da amizade [...] um mal da natureza, pintado com belas cores!... Quando a mulher pensa sozinha, pensa o mal, provando que tem uma natureza diferente, pois em intelecto são iguais às crianças [...] ela é muito mais carnal que o homem [...] (KRAMER, Heinrich. SPRENGER, 1995, p. 122)

A gargalhada das bruxas também era demonizada, assim como tudo quanto relacionado ao humor feminino, como choro, irritação e as diversas oscilações. Muitas dessas características associadas às bruxas, que chegaram à sociedade contemporânea, podem ser associadas às mulheres que compõem o movimento feminista.

Assim, mesmo após dois séculos desde o fim da Inquisição, ideologias que predominavam na Idade Média ainda se propagam na atualidade, tal fato ocorre devido aos modos de operação da ideologia. Para Thompson (1999), são cinco modos pelos quais a ideologia pode operar, sendo eles: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e retificação.

A primeira, a legitimação, como o nome já diz, tem o objetivo de legitimar o discurso, ou seja, pretende-se mostrar veracidade do mesmo. Na Idade Média, o convencimento das pessoas a respeito da existência das bruxas ocorria por meio de relatos de desconhecidos sobre acontecimentos, além da opinião de pessoas consideradas e conhecidas como monges, papas e a Igreja de maneira geral.

Nesse sentido, no livro *Malleus Maleficarum*, os autores contam diversas histórias sobre acontecimentos que, segundo relatos, são acontecimentos reais. Essas histórias iam desde pais que viam seus bebês desaparecerem, até pais que viam suas filhas possuídas. Logo, tais relatos eram usados para reafirmar a existência da bruxaria, e assim, por meio da legitimação, era “comprovada” e “confirmada” a existência desses sujeitos. Isso exemplificava-se em um dos registros do livro:

(..) um homem que, vendo ter desaparecido seu filho do berço, saiu a procurá-lo. Acabou por encontrá-lo num congresso de mulheres durante a noite, no qual, segundo declarou em juramento, as viu matarem-no, para depois beberem-lhe o sangue e devorarem-no (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 943).

Esses depoimentos de pessoas desconhecidas eram confirmados por monges e papas, e tinham o objetivo de legitimar os discursos do livro que viria a ser o manual da Inquisição. Apesar de não haver nada que comprovasse tais relatos, eram aceitos como verdade pela Igreja e pela sociedade, pois eram descritos por homens, em sua maioria:

Embora o homem não pudesse provar o primeiro crime de adoração ao Diabo, pois que fora a única testemunha do ritual sacrílego, conseguiu, com o auxílio das duas testemunhas que o acompanharam, acusar a mãe e a filha de bruxaria perante o juiz, após o seu período de purgação. Foram, depois, ambas queimadas (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 1730).

O segundo modo de operação é a dissimulação, que ocorre quando se aplicam a um sujeito características que não lhe pertencem, por meio de manifestações implícitas e em sentido figurado, ou seja, a construção de uma nova personalidade de um sujeito. Tomando como exemplo, temos a recorrente relação feita no livro entre bruxas e parteiras: “e assim descobriu-se o crime sacrílego das parteiras: o de oferenda de recém-nascidos ao Diabo” (KRAMER e SPRENGER, 1995, p. 1731). Dessa feita, mulheres que tinham algum conhecimento sobre o corpo feminino eram consideradas bruxas nesse período, devido ao perfil que fora criado para elas.

Ademais, tem-se a unificação, modo de operação ideológica que visa construir uma falsa ligação entre os indivíduos, demonstrando que todos têm os mesmos objetivos. A idade medieval e a sociedade mostraram unificação para que todos tivessem ciência de que a finalidade de matar as bruxas era acabar com a bruxaria, “para que nosso julgamento possa proceder como se da própria vontade de Deus” (KRAMER e SPRENGER, 1995, p. 2829).

O quarto modo é a fragmentação, que contraria a unificação, tendo em vista que objetiva fragmentar grupos da sociedade, fazer com que eles ataquem-se e tornem-se rivais, entrem em competição. Isso também ocorria na Idade Média, quando grupos maiores eram colocados contra as minorias, compostas pelos denominados de hereges, bruxas ou pessoas contrárias à vontade de Deus.

O último modo é a retificação, que ocorre por meio da ocultação de fatos. De acordo com Thompson (1999), criam-se situações transitórias como se fossem permanentes, fazendo com que histórias momentâneas sejam generalizadas. Na Idade Média, histórias sobre bruxas, contadas por desconhecidos, eram disseminadas como corriqueiras.

SEÇÃO 3

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos, a saber: a coleta de dados, na rede social *Twitter*. Ademais, será apresentada a análise do *corpus* sob a perspectiva de discursos presentes do livro *Malleus Maleficarum*.

Metodologia

A presente pesquisa é de caráter qualitativo que, segundo Denzin & Lincoln (2006, p. 34 apud RESENDE; MELO, ANO, p. 74) é “guiada por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado”, isto é, são pesquisas de caráter interpretativo sobre determinado assunto. O pesquisador deve ter um olhar crítico, uma concepção de mundo formada.

Bogdan (1982 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130) apresenta cinco características sobre a pesquisa de caráter qualitativo, são elas:

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...]

A escolha dessa abordagem se deve ao fato de que foram formuladas hipóteses sobre o assunto pesquisado, não sendo necessário selecionar resultados em quantidade. Ademais, não foram realizadas entrevistas e perguntas diretas no decorrer da coleta. Também porque nas pesquisas qualitativas, os questionamentos geram reflexão e não precisam ser produzidos questionários para se chegar aos objetivos propostos.

A pesquisa também é bibliográfica, pois foram selecionadas diversas leituras e teorias sobre o mesmo assunto, a fim de responder a pergunta problema da pesquisa. Boccato (2006, p. 266) esclarece que:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Desse modo, o livro *Malleus Malkeficarum*, configura-se como a principal referência desta pesquisa, uma vez que possibilitou a compreensão de como discursos da Idade Média ainda são propagados na sociedade contemporânea. Para tanto, relacionamos os discursos do livro com os discursos modernos nas redes sociais, mais precisamente o *Twitter*, lugar em que as pessoas sentem-se à vontade para colocar seus posicionamentos e, assim, explicitar sua ideologia.

A coleta dos dados desta pesquisa dividiu-se em dois momentos: no primeiro, foram selecionados trechos do livro *Malleus Maleficarum* que apresentam discursos que demonizam, inferiorizam e subestimam as mulheres. No segundo momento, foram selecionados, da rede social *Twitter*, 50 tuítes. No entanto, somente 06 foram analisados, devido apresentarem conteúdo com discursos que estão relacionados aos trechos do livro medieval. Dessa forma, foi possível perceber que discursos do século XV ainda ecoam nos discursos atuais.

Cada excerto retirado do livro foi relacionado a um tuíte, o que possibilitou uma análise de como discursos modernos sobre o comportamento feminino, aborto, a supremacia masculina imposta pela sociedade e a demonização das atitudes femininas estiveram presentes na inquisição, e ainda ecoam séculos depois desse período, fazendo com que hoje sejam reproduzidos por grande parte da sociedade. Então, buscamos identificar quais os modelos de operação da ideologia executam-se em cada um, e se ainda permanecem com os mesmos objetivos, evidenciando quais as características os tornam parte do mesmo discurso.

Os tuítes utilizados na pesquisa foram selecionados por meio de *hashtags* como: #naoaoaborto, #abortonao, #feminismonao, #feminimoedoença, #provida, #abortoeassassinato, entre outras que possuem palavras-chaves e que tratam de assuntos que estão presentes no livro *Malleus Maleficarum*.

O gênero *Twitter*

Para podermos analisar como esses discursos são disseminados atualmente, onde se fazem presentes e como podemos ter registros deles, utilizamos a rede social denominada *Twitter*, pois com o crescimento do número de usuários nas redes sociais, grupos de pessoas estão fazendo uso desses meios para propagar seus ideais e suas ideologias.

O *Twitter* foi criado oficialmente em 21 de março de 2006 pelo quarteto Jack Dorsey, Noah Glass, Biz Stone e Evan Williams. A palavra inglesa *tweet* significa “pio de passarinhos”, simbolizando os “pios” as mensagens que se circulam na *timeline* do *Twitter*. A partir disso, foi desenvolvido também o logotipo da rede social: um pássaro azul que representa a comunicação por meio de *tweets*, ou seja, “pios”. A rede social possui uma plataforma com 140 caracteres, que permite o compartilhamento de frases curtas.

O questionamento sobre serem somente 140 caracteres ainda é muito frequente, mas a rede social não deixa de ser muito popular. Com esse simples espaço, as pessoas diariamente

compartilham sua forma de pensar, as suas ideias particulares com os demais usuários, e trazem com essas “postagens” sua maneira individual de enxergar os sujeitos sociais.

A partir de pequenos textos, usuários disponibilizam em seu perfil, para as 126 milhões de pessoas que acessam a rede social diariamente, o seu ideal de sociedade, de correto e de errado, fazendo isso direta ou indiretamente.

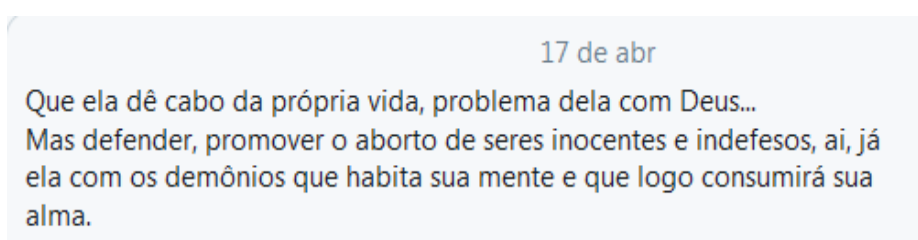
Análise dos dados

Quando algumas das narrativas presentes no livro *Malleus Maleficarum* buscam legitimar discursos de existência da bruxaria, o primeiro modo de operação da ideologia é colocado em prática, pois os autores buscam comprovar a existência das bruxas, afirmando que “Deus permite que o mal seja praticado, embora não o deseje; e procede assim para o aperfeiçoamento do universo”. No primeiro excerto retirado do livro, os autores afirmam a existência da relação direta entre as mulheres que cometem aborto com o maligno, reafirmando que a culpa é totalmente da mulher e nunca do homem. Eles afirmam que:

Vamos aqui estabelecer a verdade a respeito de quatro crimes hediondos que os Demônios cometem contra as crianças pequenas – tanto no útero da mãe quanto depois do nascimento. E por cometerem tais crimes, pelo intermédio de mulheres, não de homens, essa espécie de homicídio acha-se mais vinculada ao sexo feminino que ao masculino (KRAMER et al, 1995, p. 938).

Nesse trecho do livro, podemos observar a relação que é feita entre mulheres, que fizeram ou que são favoráveis à legalização do aborto, e demônios. Essas mulheres são colocadas como as únicas responsáveis, isentando os homens de qualquer responsabilidade. O discurso que se propagou na Idade Média, que afirmava a relação existente entre as mulheres favoráveis ao aborto e demônios, ainda é presente em discursos contemporâneos retirados dos *tweets*.

Figura 01 – Postagem de um/a internauta no *Twitter*.



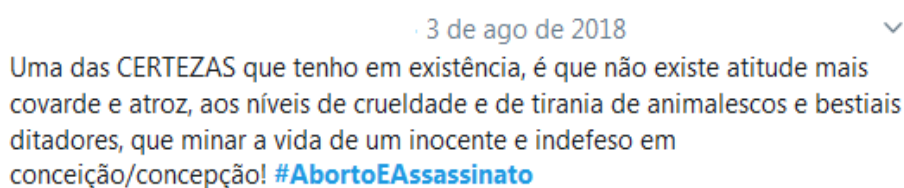
Fonte: rede social de domínio público, *Twitter*, 2019.

Podemos observar, no excerto abaixo, que a relação entre mulher e demônios permanece, desta vez, é a partir de as parteiras serem acusadas de sacrificar crianças a demônios. Colocando sobre as mulheres responsáveis por fazer partos características que não lhes cabiam. Nesse sentido, vemos a ocorrência do segundo modo e operação da ideologia, a dissimulação, que ocorre quando aplica-se a um sujeito características que não lhe pertencem, como observaremos no seguinte fragmento:

Não há quem mais malefícios causem à Fé Católica do que as parteiras. Pois quando não matam as crianças, para atenderem a outros propósitos tiram-nas do recinto em que se encontram, elevam-nas nos braços e oferecem-nas aos Demônios. (KRAMER et al, 1991, p. 945).

Desse modo, a concepção de que o aborto é um dos atos mais cruéis que podem ser cometidos é um discurso que não se modificou no decorrer dos séculos. Assim como observamos no livro, a ideia de que o aborto é o assassinato de um inocente, e que se configura como uma crueldade, também pode ser observada no *tweet* a seguir:

Figura 02- Postagem de uma internauta no *Twitter*.



3 de ago de 2018

Uma das CERTEZAS que tenho em existência, é que não existe atitude mais covarde e atroz, aos níveis de crueldade e de tirania de animais e bestiais ditadores, que minar a vida de um inocente e indefeso em conceição/concepção! [#AbortoEAssassinato](#)

Fonte: rede social de domínio público, *Twitter*, 2019.

No terceiro excerto retirado do livro, podemos observar que é construído sobre as mulheres denominadas bruxas um conceito que as define de uma maneira diferente do real, assim como no segundo modo de operação da ideologia, a dissimulação, que ocorre quando se coloca sobre um sujeito características que não lhes pertencem. Neste caso, é colocado sobre as mulheres perseguidas pela inquisição o rótulo de mulheres que não veem a maternidade como algo bom, pois como os autores afirmam, “são capazes de retirar a virilidade do homem, de enfeitiçar mulheres para que não engravidem e também de provocar aborto”. Percebemos, também, que elas são vistas como mulheres que apresentam resistência a relacionamentos, algo que também as demonizava, pois casamento e gravidez eram vistos como sagrados pela Igreja. Destarte, eles elencam as maldições que podem ser causadas pelas mulheres bruxas:

O primeiro está na indução do amor malévolo de um homem por uma mulher ou vice-versa. O segundo está em plantar o ódio ou o ciúme no coração das pessoas. O terceiro é enfeitiçando os homens para que não

consigam realizar o ato carnal com as mulheres; ou enfeitando as mulheres para que não concebam ou para provocar-lhes o aborto (KRAMER et al, 1991, p. 1462).

No texto a seguir, o discurso que se propaga é o de que muitas mulheres rejeitam a maternidade, assim como no livro *Malleus Maleficarum*. Dessa forma, aquelas que escolheram ou não conseguiam engravidar eram vistas como contrárias à natureza e à vontade de Deus. Como podemos observar a seguir:

Figura 03-Postagem de um/a internauta no *Twitter*.



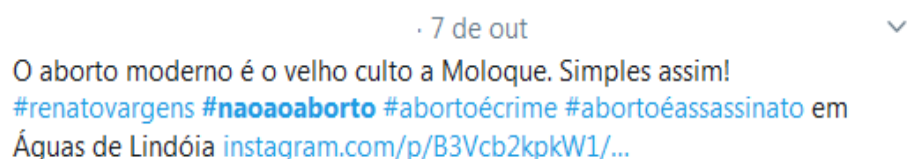
Fonte: rede social de domínio público *Twitter*, 2019.

No quarto excerto retirado do livro, a concepção de aborto, assim como em toda a obra aqui analisada, está relacionada a uma atitude demoníaca. E, para além disso, está relacionada a oferendas de crianças aos demônios:

Uma vez obtida a intimidade com o Demônio, as feiticeiras são capazes de desencadear todos os males, especialmente a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, abortos, oferendas de crianças a Satanás, estrago das colheitas, doenças nos animais etc (KRAMER et al, 1991, p 92).

Assim, esse discurso que afirma a existência da relação entre mulheres e demônios ainda é muito comum na atualidade, como observa-se no texto abaixo:

Figura 04- Postagem de um/a internauta no *Twitter*.

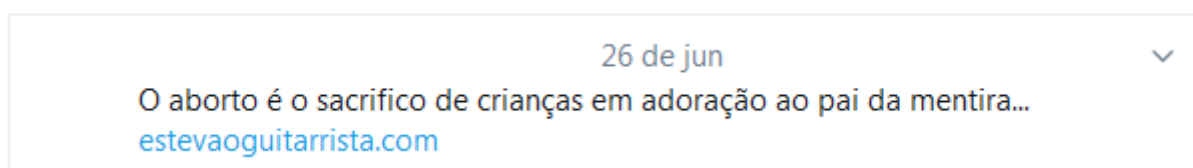


Fonte: Rede Social de domínio público, *Twitter*, 2019.

Moloch é o nome do deus cultuado pelos Amonitas, uma etnia de Canaã. Uma das coisas que eles faziam como parte do culto era sacrificar seus recém-nascidos, jogando-os em uma fogueira. Alçar um demônio da tradição cristã faz com que o verdadeiro significado do ato de abortar seja deixado de lado e um novo conceito seja aplicado a ele. Definindo, assim, tal ato como um dos males que as bruxas cometem.

No quinto excerto, a demonização do aborto acontece pela relação deste ato ao assassinato de alguém. Quando o assassinato é mencionado, logo entende-se que é pecado e, por isso, demoniza-se também a mulher. Mais uma vez, em um trecho da obra, podemos observar essa relação: “o terceiro e quarto crimes dessa espécie, praticados como bruxaria, são os de, tendo malogrado a tentativa de aborto, devorar a criança ou oferecê-la ao Diabo” (CITAÇÃO). Assim como no excerto retirado do texto, a postagem a seguir, deixa claro o discurso de que aborto nada mais é do que o oferecimento da vida de uma criança ao demônio.

Figura 04- Postagem de um/a internauta no *Twitter*.



Fonte: rede social de domínio público, *Twitter*, 2019.

No sexto excerto retirado do livro, é possível perceber que os autores culpam novamente as mulheres pelo aborto, mas desta vez, eles não as relacionam a demônios, e sim, a decisão delas de causá-lo. Nesse sentido, rotulam a mulher como a assassina culpada por um crime, o que traz males a sua própria vida, dentre eles a punição. Assim, não relacionam o ato a mágicas ou a bruxarias:

E, sem qualquer fenômeno ilusório, são também capazes de causar o aborto após a concepção, que muitas vezes se acompanha de muitos outros males (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 1097).

Os males aos quais os autores fazem referência em seu livro estão diretamente relacionados a punição que lhes é determinada. Punição essa, ainda aclamada até nos dias atuais, como podemos ver a seguir:

Figura 05- Postagem de um/a internauta no *Twitter*.

3 de ago de 2018

Quando você faz um aborto você tira uma vida, automaticamente no você se torna uma assassina que deveria ser punido como todos os outros que estão na cadeia. #AbortoEAssassinato

Fonte: rede social de domínio público, *Twitter*, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das proposições estabelecidas nesta pesquisa, na qual buscou-se empreender uma análise a partir do manual da caça às bruxas e dos textos retirados da rede social *Twitter*, pôde-se constatar que os discursos que subalternizam e subjulgam a figura feminina, que estruturam o patriarcado apregoado na Idade Média, e que continuam a ser perpetuados na contemporaneidade, intentam colocar as mulheres na condição de submissas. Além disso, as mulheres são demonizadas quando resistem aos paradigmas “obsoletos” e de opressão que estão arraigados no seio da sociedade e que são propagados pelos discursos que ecoam na atualidade. Para o andamento desta pesquisa e análise, necessário foi entendermos esses discursos e, conseqüentemente, debruçarmo-nos em teorias da análise do discurso, a fim de entender como os modos de operação da ideologia funcionam e, com isso, compreender como esta pode atravessar séculos.

A ADC utilizada neste estudo ancora-se na vertente que propõe desconstruções dos discursos hegemônicos que visam manter o poder unilateralmente a favor de homens. Desta forma, ela contribui para uma reflexão que operacionalize os discursos das minorias frente aos parâmetros hegemônicos. No caso desta investigação, pôde-se observar os rótulos e conceitos que são colocados sobre as mulheres na sociedade contemporânea, sendo que elas continuam sendo subjugadas e vinculadas aos discursos materializados no livro *Malleus Maleficarum* que, por sua vez, influenciam discursos modernos.

Em suma, compreendemos que as bruxas foram mulheres que viviam de acordo com o que acreditavam, não importavam-se com os padrões e as regras impostas, por isso, hoje, representam, para o movimento feminista, resistência, coragem, sabedoria, pois eram mulheres que estavam além do seu tempo e que buscavam sempre um novo modelo de sociedade.

REFERÊNCIAS

Ângela Mara De Barros, Lara Adão Aparecido Molina. **Pesquisa Qualitativa: Apontamentos, Conceitos Etimologias** - Capítulo 5.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

Camilla de Magalhães Gomes. **Gênero como categoria de análise-Dossiê: Gênero e sexualidade-Civitas**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan.-abr. 2018.

Carla Rodrigues, Maria Luiza Heilborn. **GÊNERO E PÓS-GÊNERO: UM DEBATE POLÍTICO-Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Fairclough. Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora, Universidade de Brasília, 2001.

Felipe Tavares Paes Lopes. **Ideologia e cultura na obra de John B. Thompson**. JULHO DE 2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2013. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

FONSECA, K. C. **Misoginia e prostituição feminina medieval**, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/VAiWmD>>. Acesso em: 20/08/19

FONSECA, P. L. **Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média: referências Franco Cardini. MAGIA E BRUXARIA NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO**. Instituto de História, Universidade de Florença – Itália- Psicologia USP, v.7, n.1/2, p.9-16, 1996.

GOMES, Renan Araújo. **A análise de discurso crítica: o projeto político de mudança social pelo viés discursivo**. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 209-229, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online <https://www.sohistoria.com.br/ef2/inquisicao/> <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/120893-historia-twitter-rede-social-140-caracteres-video.htm>)

HUIZINGA. Johan. **O declínio da idade média**. Editora ulisseia **2.a edição**

IRVIN, Dale T., SUNQUIST, Scott W. **História do movimento cristão mundial**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2004. Vol I. p. 506

Izabel Magalhães. **Teoria Crítica do Discurso e Texto-*** *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 113-131, 2004

Jaber Camara da Silva. **Discurso e poder: uma abordagem a partir da filosofia da linguagem**. Departamento de Filosofia

José D'Assunção Barros. *Heresias na idade média: considerações sobre as fontes e discussão historiográfica*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010 - ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> - Artigos

Linton, R. (1999). **Cultura e personalidade**. São Paulo: Mestre Jou.

Luciana Pizzani, Rosemary Cristina da Silva, Suzelei Faria Bello, Maria Cristina Piumbato, Innocentini Hayashi. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. © Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012 – ISSN 1678-765X

Ludmila Noeme Santos Portela. **Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média. witchcraft and misogyny in the Late Middle Ages Manuais Inquisitoriais: A Bruxa Vista Sob A Ótica Do Malleus Maleficarum E Directorium Inquisitorum** (séculos Xiv A Xvi). Chapecó, 2017.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. obrigatórias, [s. d.]. Disponível em: <<http://bit.ly/PcXwvY>>. Acesso em: 20/08/19

CUSTÓDIO, Pedro Prado. **A misoginia na idade média: bruxaria, alguns aspectos religiosos e sociais-** Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp

RAMALHO, Viviane – Resende, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa** – Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 1 Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira; DAMETTO Jarbas. **Questões de gênero e a experiência da loucura na antiguidade e na idade média**. Estud. sociol., Araraquara, v.17, n.32, p.205-222, 2012

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SPRENGER, James; KRAMER, Heinrich. *Malleus Maleficarum, o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da PUC-RS. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

ZORDAN. Poala Basso. *Bruxas: Figuras de Poder. Estudos feministas, Florianopolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005*

WALBY, S. *Theorizing patriarchy*. Oxford, Basil Blackwell, 1990.

